



O ENIGMA DA ADOLESCÊNCIA E AUTOMUTILAÇÕES
NA DANÇA DA VIDA

Ana Cristina Blaskoski Carissimi

Porto Alegre, 2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICANÁLISE E PSICOPATOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO INTERVENÇÃO PSICANALÍTICA NA CLÍNICA DA
INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

O ENIGMA DA ADOLESCÊNCIA E AUTOMUTILAÇÕES
NA DANÇA DA VIDA

Trabalho apresentado como requisito parcial para
Conclusão do Curso de Especialização em Intervenção
Psicanalítica na Clínica da Infância e Adolescência
sob orientação da Prof. Dra. Luciane De Conti

Ana Cristina Blaskoski Carissimi

Porto Alegre, 2017.

O ENIGMA DA ADOLESCÊNCIA E AUTOMUTILAÇÕES
NA DANÇA DA VIDA

“Se um evento abriu um abismo na existência, ou se um sofrimento difuso impede o pensamento, o corpo, especialmente a pele, é o refúgio para se agarrar à realidade e não afundar. A utilização do corpo em situação de sofrimento se impõe, para não morrer. Aquele que está em carne viva, no plano dos sentimentos, esfola sua pele como em uma espécie de homeopatia. Para recuperar o controle, ele tenta se machucar, mas para ter menos dor”.

(Le Breton, 2010)

RESUMO

Carissimi, A. C. (2017). *O enigma da adolescência e automutilações na dança da vida*. Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Intervenção Psicanalítica na Clínica de Crianças e Adolescentes. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

Este trabalho tem a proposta de refletir sobre a adolescência e as automutilações através do olhar da psicanálise. Assim como no nascimento, onde o ingresso no mundo é através do corpo, dado que as primeiras sensações são corporais, na adolescência, o ingresso nesta se dá através do atravessamento do Real neste corpo. Estas mudanças fazem com que haja uma nova apropriação deste corpo e um novo posicionamento na família e na sociedade. A elaboração e o sentido destas transformações precisam de tempo para serem elaboradas, este tempo é único e não pode ser abreviado. Com a imposição destas mudanças, o jovem é levado a esta travessia adolescente, na qual vários conflitos infantis são reeditados. Neste trabalho enfatizo o estágio do espelho para Lacan, os transbordamentos das pulsões no corpo, o Acting out e a Passagem ao Ato. Como o corpo está em evidência, é a ele que o jovem muitas vezes acaba recorrendo para se expressar. Ele busca seus limites através deste corpo, e neste momento, podem aparecer as marcas corporais, os cortes na pele para expressar algo que não consegue ser dito em palavras. O presente estudo foi, portanto, desenvolvido com inspiração em casos de autoagressões feitas por adolescentes com estrutura de base neurótica, onde destaco o acompanhamento psicoterapêutico de uma paciente de 12 anos. Para o entendimento destes jovens que utilizam a pele para se expressar, enfatizo o estágio de espelho para Lacan, os transbordamentos das pulsões no corpo, o Acting out e a Passagem ao Ato. Como muitas vezes as famílias buscam uma terapia medicamentosa para esta manifestação, para poder dialogar com a psiquiatria, abordo um pouco da visão psiquiátrica sobre esta “patologia” e o que algumas pesquisas recentes concluiriam. A adolescência em suas manifestações, não pode ser calada ou banida, ela precisa ser entendida, ouvida e falada.

Palavras-chave: adolescência, automutilações, pulsões, psicanálise

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	06
2. O ENIGMA DA ADOLESCÊNCIA	09
3. PULSÕES	14
4. CORPO E PELE PARA A PSICANÁLISE	21
5. DIALOGANDO: TEORIA E PRÁTICA	26
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36

1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento humano é único, marcado por constantes mudanças, é a “Dança da Vida”, onde o início é numa total dependência e simbiose com um ser semelhante e à medida que este ser vai crescendo, vai tomando consciência do seu corpo, vendo que existe algo além dele, vai conhecendo-se através do outro, vai dando sentido e significado às coisas, os enigmas vão sendo decifrados.

De acordo com Lacan (1998) um dos momentos chaves para a constituição do sujeito é o estágio do espelho, momento que faz a retirada deste “infant” da imersão do biológico para o campo simbólico, para o campo da cultura, da linguagem. É o momento de se distanciar do corpo para uma imagem e da imagem para uma simbolização.

Marcas vão sendo produzidas, contornos e limites são impostos e precisam ser assumidos e também conquistados. Muitas possibilidades e proibições, limites necessários para abrir caminhos, para sair de um gozo inicial de uma “pseudo” completude e ir além, ingressar num mundo social, numa “com vivência” também além do círculo familiar, para o mundo do conhecimento formal, para o mundo do Outro. Nesta Dança, são dados passos que avançam e retrocedem, se renovam, se criam e se recriam. Criando novos traços, novos passos, novas marcas, novos significados. É o *après coup*, é o a posteriori, o conhecer algo só depois de algo mais acontecer, enquanto estamos vivendo algo, não podemos ter ideia do que constitui (Rassial, 1999)

A dança consigo mesmo, com os outros e com o Outro, onde tudo pode surgir e ressurgir. A música e a melodia da família são ensinadas através das gerações, onde a cultura familiar predomina como interferência direta nos passos da Dança que juntos criam.

Após um período significativo de aprendizado e adaptação de todos, quando a música e a melodia da família foram transmitidas e apreendidas, quando os pais já estão entendendo a partitura e os passos da Dança desta criança, ambos são surpreendidos por um “abalo sísmico”, uma mudança drástica do ritmo e da música.

Mudança que ocorre independente da vontade, mudança imposta a este corpo. Através da mudança do corpo físico, a criança é lançada para o processo da adolescência. Começam a ocorrer mudanças visíveis a todos, há o surgimento de um Novo Corpo e com ele, novas sensações e é com este “estranho” e através deste que precisa continuar a Dança. Os passos precisam ser reaprendidos, adaptados ou substituídos (ao tamanho, ao jeito, aos olhares). Até o momento, a inspiração para a Dança era a família, mas e agora? A inspiração muda de sentido, as buscas vão mais além, é necessário ressignificar seus passos e descobrir novos passos para os novos caminhos. O caminho para ter sentido, tem que ser buscado por si, ter a Sua Marca e as suas próprias soluções. Como diz Winnicott (1989) sem adoção de falsas soluções, descobrir suas verdadeiras soluções, o seu sentido próprio.

Quando além da busca da nova melodia, imposta pelas mudanças corporais, algo ainda mais inesperado acontece, algo que “foge do controle da família”, estes responsáveis buscam um atendimento na área da saúde. Uma das situações que “fogem do controle” são as automutilações e são através delas que busco a inspiração para este trabalho. Quando estes adolescentes fazem cortes na pele, é frequente as famílias buscarem atendimento para os filhos adolescentes por “tentativa de suicídio”. De acordo com o Dicionário Online de Português, Suicídio é “Ação de acabar com a própria vida, de se matar”. Os pais vêem as automutilações como uma tentativa do filho de acabar com a própria vida física. Num primeiro momento, são levados pelos pais em emergências, plantões de saúde, e nestes serviços, são medicados e encaminhados para tratamento psicológico e/ou psiquiátrico.

Automutilações superficiais no corpo, mas profundas em significados. Ao quê estes adolescentes reagem quando praticam estes atos? O que eles querem cortar? Para quê serve um corte? Qual o significado do seu corte? Um corte pode ser para deixar algo de fora (o que foi cortado)? Pode ser para destacar algo? Pode ser para deixar algo nascer?

Estes adolescentes e suas Marcas me convocaram a pensar, estudar e escrever sobre. E é com eles que quero descobrir os Passos para conhecer o Caminho que os levaram a estas marcas e qual seu sentido. O sentido que tem no mínimo dois significados: o de sentir e o de indicar/levar para algo.

2. O ENIGMA DA ADOLESCÊNCIA

A adolescência inicia através da irrupção do Real da puberdade, do atravessamento invasor das mudanças provocadas no corpo (Ruffino,s.d). A adolescência não é fisiológica, é um processo que exige um trabalho psíquico para significar e ressignificar este enigma que o atravessou. Agora é preciso articular a realidade somática (mudanças corporais), a estrutura da subjetividade (as simbolizações e significados) e o campo dos laços sociais. O mundo exterior percebe as mudanças antes mesmo que o adolescente as perceba e há uma exigência de reposicionamento vital, exigências feitas tanto pelo corpo, como pelo mundo que o rodeia. A puberdade representa o findar da infância, com isso, traz três enigmas 1) o enigma da identificação do lugar do sujeito nas tensões relacionais do mundo inter-humano; 2) o enigma da filiação 3) o enigma da sexualidade. O adolescente agora precisa resignificar toda a sua infância. As etapas infantis são reeditadas, agora em outro tempo.

A duração da adolescência não se dá em tempo cronológico e sim no tempo que for necessário para a efetivação do trabalho psíquico para significar e elaborar estes enigmas. Ela não pode ser abreviada. É necessário inscrever a experiência como significante para articular significâncias e efeito de sentido, é preciso nomear para se deixar representar e fazer sentido. Ruffino menciona que a puberdade precisa se inscrever como significação para o adolecer alcançar êxito. O adolecimento sendo uma resposta a um acontecimento da ordem do traumático, onde a apropriação pessoal não pôde acontecer, é algo que agita sem poder se inscrever e o traumático se expõe produzindo efeitos disruptivos.

Nesse atravessamento de mudanças corporais e novas exigência de reposicionamento vital, o indivíduo não pode sozinho, entender o que lhe é pedido, precisa além da família, dos amigos, da sociedade e da cultura do local onde vive. Como resposta a este estranhamento,

Rufino menciona os três tempos da adolescência: 1º tempo: Após o impacto inicial das mudanças, resta-lhe siderar-se e emudecer. 2º tempo: solicita de forma incompreensível – que dos outros venha a palavra para nomear o inominável de sua experiência. 3º tempo: se reconstruir inventando alguma resposta inédita às exigências pós-pubertárias e seguir em direção à condição adulta.

O fim da operação adolescente visa **repor** algo que se apresentou no início como da ordem de uma perda, repor, colocar novos significados e não restaurar. Adolescer é sintoma, no sentido freudiano, constitutivo.

Como todo o desenvolvimento humano, tudo se inicia com um corpo físico e no corpo físico, a constituição do sujeito para a psicanálise, precisa da apropriação deste corpo, precisa das significações e do sentido deste corpo. Na adolescência, o púbere é lançado nesta travessia pelas transformações fisiológicas e este novo corpo, novamente precisa ser significado, precisa ser sentido e simbolizado. As etapas iniciais da infância são reeditadas neste novo corpo físico e simbólico.

Os hormônios que provocam a transformação da silhueta da menina atraem olhares e a alteração no timbre da voz do menino, faz com que queiram lhe ouvir. O duplo referencial pulsional da voz e do olhar permite definir adolescência para Rissial como momento lógico do après-coup do estágio do espelho, a apropriação parcial do olhar e da voz da mãe que reconheceu o que a criança viu. (Rissial, 1995)

Reedita-se o estágio do espelho, onde o olhar e a voz da mãe são objetos parciais constitutivos da corporeidade infantil. Dolto fala de imagem inconsciente do corpo, quando no primeiro momento a criança fica fascinada por seu duplo refletido no espelho, e em um segundo momento, percebe que o reflexo que o espelho lhe devolve não é o dela, senão uma defasagem entre a irrealidade de sua imagem e a realidade de sua pessoa, gerando um

sofrimento, assim a criança fica desencantada ao saber que o que ela pensava ser ela não passa de uma aparência de si. É a confrontação do real com a imagem especular. Neste momento passa a perceber que o outro não tem acesso a sua imagem interna e sim ao que ela dá a ver ao outro, esquecendo este lado interno e se dedicando ao lado de fora: “Essa ferida irremediável da experiência do espelho pode ser chamada de furo simbólico, de onde decorre, para nós todos, a inadaptação da imagem do corpo e do esquema corporal” (Dolto, in Nasio, 1992, p. 40).

Na reedição adolescente do estágio do espelho, essa imagem do corpo e do seu significado agora é transmitida através do olhar e da voz dos outros, dos pares e dos parceiros de outro sexo.

Rassial (1995) menciona que na adolescência há o deslocamento do campo pulsional, que estava voltado ao Outro, à aprendizagem formal da latência, para o seu próprio corpo e para a reivindicação deste crescimento (porque na infância teve a promessa de que “quando você crescer, poderá fazer”).

Essas mudanças corporais provocam um estranhamento de si mesmo, causando uma despersonalização. Weinmann em seu artigo Juventude Transgressiva (2012), refere que estas transformações causam um desmoronamento da imagem corporal da infância e o retorno da fantasmática do corpo despedaçado. Refere que o adolescente literalmente tem que trocar de pele, onde cresce e as acnes aparecem. Citando Backes (2004), o autor menciona que o corpo explode, transborda, seus contornos são movediços e a cada instante, essa corporeidade corre o risco da dissolução, ou no mínimo ser desengonçada.

A imagem corporal se apresenta permanentemente em construção e vai se consolidando ao longo da vida, se desenvolve e se regenera, ou seja, é incessantemente renovada, não sendo apenas uma representação consciente do corpo, mas inconsciente e

evolutiva: “sobretudo geradora de modificações corporais” (Nasio, 2008, p. 111) É a transformação do somático em psíquico, com as respectivas sensações das experiências emocionais primitivas, o indivíduo vai construindo o seu mundo interno de representações.

À medida que este corpo se desenvolve, vai ficando mais parecido com o do adulto do mesmo sexo, e ele faz uma comparação e confrontação com esta imagem. Este adolescente, com essas mudanças corporais, muda de lugar na família, perdeu a pertinência fálica que o sustentava quando era criança, mas agora ainda não encontrou outra. (Melmann, 1999). A castração simbólica, já aceita, porém recalçada, entrará novamente em cena para o adolescente.

“De uma certa maneira, a adolescência é esse momento em que o que até aqui, enquanto criança, funcionava no registro da privação, bruscamente, vai lhe dar acesso a esse campo infinitamente mais complexo que é o da castração” (Melman, 1997, p.35). Dolto (1990) fala de adolescência como O Segundo Nascimento – Nascemos, por assim dizer, em duas etapas: uma para existir, outra para viver, uma para a espécie, outra para o sexo.

Melmann (1999) refere o fenômeno adolescente como recente, pois o hiato entre maturidade orgânica e maturidade social apareceu com o desenvolvimento da sociedade burguesa, pois até o século XIX, uma criança que tivesse os sinais exteriores de nubilidade era reconhecida como apta para o casamento (p 21). Atualmente, o que a família e o meio social dizem é que o adolescente será reconhecido como um homem ou como uma mulher apenas quando tiver se tornado um agente econômico, somente quando tiver sua independência econômica terá simbolicamente o reconhecimento de sua sexualidade. O adolescente agora está lidando com o real do sexo ao mesmo tempo que a ordem simbólica recusa dar-lhe o seu acordo, sua concordância. (Melmann,1999. p.22). Com isso, demandamos ao adolescente que recalque sua pulsão sexual.

Então... a criança atravessada pelo Real da puberdade, precisa mudar de posição, agora precisa adolecer, mas descobre que as promessas de que “quando fosse grande, não seria mais privada”, são uma ilusão, descobre que a realidade é outra, e agora, neste novo lugar que ainda não está apreendido, precisa “encontrar-se” e fazer seus símbolos, suas marcas.

3. PULSÕES

Lacadée (2011) citando Freud, diz que a sexualidade se liga à pulsão, que é irreduzível ao instinto. Alguns autores chegam a dizer que a pulsão é o instinto que se desnaturalizou. A pulsão está entre o biológico e o simbólico, separa a pura satisfação da necessidade e põe em jogo outra satisfação, que é a do gozo. O gozo nunca é total, sempre há um mais de gozar, uma mais valia que leva ao fora do sentido. Há a busca deste gozo total, desta completude, mas ela é mítica, é inatingível.

Na puberdade, com as transformações do corpo, as evidências de um corpo de homem ou de um corpo de mulher são aparentes, são visíveis, se atualiza esta separação dos sexos onde nenhuma relação sexual consegue preencher, onde nenhuma relação sexual leva a plenitude, ao gozo total.

O gozo é um conceito necessário para compreender como o sujeito tem a ver com o seu sintoma, ele o ama mais que o seu bem estar. O gozo se alia à dor, o sintoma designa a satisfação paradoxal retirada desta dor. Esta satisfação pode prejudicar o organismo, se tornar autônoma e levar até a morte. Gozar de seu sofrimento, de seu sintoma, eis o fundamento do masoquismo.

O masoquismo não é a manifestação de uma pulsão primária, ele se origina do sadismo que foi voltado contra seu próprio eu. Freud em Pulsão e destino das Pulsões (1916) diz que a mesma pulsão sexual que é dirigida ao objeto, pode voltar-se para si e se fixar no eu, é a reversão do sadismo, transformada em masoquismo.

A finalidade da pulsão é sempre a satisfação, uma pulsão não pode ser destruída nem inibida, uma vez tendo surgido, ela busca uma forma de satisfação, sendo que a satisfação é definida como a redução da tensão provocada pela pressão. Não conseguindo alcançar seu destino, a pulsão busca uma satisfação substitutiva da sua finalidade, uma satisfação parcial.

Na adolescência, com as transformações corporais e das novas descobertas, o interesse volta-se para si, para a libidinização deste novo corpo, para a descoberta do que este corpo é capaz de fazer ou até de suportar, há a busca destes limites corporais. Limites corporais em todos os sentidos, como na superação física, na tolerância da dor e do esforço, na sua própria opinião sobre as coisas, na escolha do que vestir ou não e nos comportamentos de risco. O adolescente busca a diferenciação deste adulto, quer poder escolher o que usar e o que fazer, busca a apropriação da sua própria vida, ou ao menos, fazer uma “experimentação da vida adulta”.

As pulsões, sempre presentes durante toda a vida, neste momento se intensificam pelo turbilhão de mudanças ocorrendo nesta travessia, com muitas incertezas e cobranças de um reposicionamento vital, uma pressão gerada tanto pelo próprio corpo e seus desejos, quanto pela família. Neste momento de diferenciação, de testar os limites do seu corpo e também de testar os limites dados pela família (através das proibições ou opiniões), os atos dos adolescentes emergem. Os transbordamentos pulsionais também podem aparecer através da passagem ao ato e do acting out.

Gerson Pinho (2002) define o acting out e a passagem ao ato como o agir, o colocar em prática ou em ato as pulsões.

A passagem ao ato é um “agir inconsciente”, um ato não simbolizável que leva o sujeito a uma condição de ruptura integral, no qual encontra-se em uma identificação absoluta com o objeto a, o objeto excluído de qualquer quadro simbólico. Ele não é um ato

dirigido a alguém, é uma queda no vazio. A passagem ao ato aponta para a dimensão do traumático, para o campo do irrepresentável.

O acting out, por sua vez, é algo que é mostrado na conduta do sujeito, orientado para o Outro. Ele é dirigido ao Outro para ser decifrado, é uma demanda de simbolização, ele precisa que o outro decifre e interprete sua conduta, não é uma queda no vazio, é uma convocação ao Outro, uma busca de ajuda. É um “*DECIFRA-ME*”, “*porque eu não sei*”. O acting out é uma tentativa de evitamento da angústia, ele não pode ser dito por falta de simbolização, não consegue colocar em palavras o que sente.

No seminário X de Lacan (1962-63), a angústia é definida como algo que escapa ao jogo do significante, pois aparece no momento que emerge aquilo que não é simbolizável. A angústia é um afeto que se funda na certeza. Sua verdadeira substância é ser “aquilo que não engana”, o “sem dúvida”. Já que testemunha o encontro do sujeito com o Real. Lacan situa o tempo da angústia, constitutivo da aparição do objeto a, como tempo intermediário entre o gozo e o desejo.

Este comportamento de agredir o próprio corpo, causa um estranhamento e até pavor nas famílias destes jovens, o que faz com que a busca de imediato seja para eliminar estes sintomas e para isso buscam médicos e psiquiatras para uma terapia medicamentosa. Devido a isso, entender o discurso psiquiátrico adotado é importante para estabelecermos um diálogo. A terminologia utilizada para os transbordamentos pulsionais no corpo são: o self mutilation ou self harm, o termo non suicidal self injury (NSSI) que é a denominação psiquiátrica para o fenômeno que é traduzido em português como automutilação. Neste termo estão incluídos os comportamentos de cutting (cortar-se), scratching (arranhar-se), brusing ou hitting (bater-se) e burning (queimar-se) intencional e deliberadamente sem a

intenção de se matar. O cutting é apontado como o mais frequente entre os tipos de non-suicidal self-injury. (Venosa, 2015).

Até o DSM-IV a automutilação estava entre os critérios de diagnóstico de transtorno de personalidade borderline. No DSM-V, o non suicidal self injury está indicado como um fenômeno a ser melhor estudado, pois várias pesquisas passaram a sugerir tal comportamento como uma condição mental distinta.

Em um estudo feito pelo Departamento de Psiquiatria da Infância e da Adolescência do Centro Hospitalar de Porto, Portugal, houve uma heterogeneidade diagnóstica subjacente a estes comportamentos o que eventualmente reforça a necessidade de autonomizar este fenômeno, retirando-o de um confinamento nosográfico. (Jorge, 2015). Este estudo aponta que a localização preferida das automutilações são os antebraços, seguindo-se dos pulsos e coxas. A pesquisa aponta que quando ocorria alguma ideação suicida, ela não era associada aos comportamentos autolesivos. O que se opõe a outra pesquisa psiquiátrica (Venosa, 2015), a qual refere que a automutilação vem associada com outros comportamentos, como intenção suicida e também sobreposto a outros diagnósticos como transtornos alimentares e transtorno de ansiedade. Temos também dados de uma pesquisa realizada no Canadá com adolescentes de 12 a 16 anos, a qual verificou que 14% do grupo pesquisado já haviam cometido agressões no próprio corpo. Esta mesma pesquisa refere que a automutilação é a prática que apresenta o maior crescimento entre adolescentes (in: Dinamarca, 2011).

Isto nos mostra que é uma prática que está presente entre os adolescentes. Também nos mostra que ainda há a carência de estudos sobre este fenômeno e que as pesquisas na área da psiquiatria encontram diferentes leituras, por exemplo, como um sintoma de alguns transtornos mentais ou como um transtorno mental em si mesmo. No Brasil, ainda não existe uma padronização terminológica para se referir às pessoas que se machucam de

maneiras diversas. É possível encontrar os termos automutilação, autolesão, autoflagelação, escarificação, escoriação, marcas corporais, entre outros.

Se fizermos uma leitura a partir da fisiologia, podemos mencionar o que Strong (in:Araújo, 2016) cita em alguns trechos de seu livro: ela afirma que os cortes no corpo liberam endorfina, uma substância reconhecida por causar sensação de bem-estar, anestesia e alívio e também que automutiladores comparam o prazer dessa descarga com o orgasmo obtido por meio da masturbação ou do ato sexual. Na clínica, encontramos vários depoimentos que falam sobre esse acúmulo de tensão seguida do relaxamento após a descarga, após os cortes realizados na pele, nestes casos, a gratificação desta pulsão é a dada através destes cortes. Quando estes cortes conseguem ser decodificados, quando tem um endereçamento e um signo ainda não “decifrado”, podemos chamar de acting out, quando não tem um sentido, quanto é um ato que cai num vazio, é uma passagem ao ato e pode levar ao suicídio.

Pesquisas recentes apontam significativa incidência de comportamentos autolesivos em adolescentes. Algumas falam de “nova epidemia entre jovens”. Porém, o antropólogo Le Breton (in: Venosa) menciona que os fenômenos de marcas corporais sempre estiveram presentes em diversas culturas e em diferentes momentos da história da humanidade. No contexto tribal serve para designar seu lugar na tribo, o seu status entre os demais. Em alguns momentos históricos, o corpo fora marcado com insígnias que o inseriam na cultura a qual pertenciam. Marcas também foram feitas com teor de sacrifício e sofrimento em rituais de passagem. O antropólogo refere que marcar a pele também tem o significado de marcar seu lugar no mundo, bem como a marca visa comunicar algo, pela via do olhar e não da palavra.

Le Breton enfatiza o caráter da experiência de passagem vivida pelos adolescentes que realizam marcas corporais, diz que eles querem exteriorizar alguma coisa do caos interior a fim de vê-la mais claramente, é a reprodução em ato da impossibilidade de dizer as

coisas ou de transformá-las (in:Venosa, p. 42). Esses atos tem uma intenção, com maior ou menor grau de consciência, mas precisam inscrever na pele um limite, para dar conta da vertigem emocional que o jovem vive neste período de transição.

Partindo da leitura de Freud, fica claro que agressões contra si mesmo fazem parte dos destinos possíveis da pulsão. Em seu texto “O problema econômico do masoquismo”, de 1924, Freud aborda a questão da mescla de pulsões e admite a existência de um lado masoquista da pulsão, o masoquismo primário, erógeno, cuja satisfação está associada à dor e ao desprazer.

Estes cortes também colocam o corpo numa condição erotizada, num masoquismo primário, erógeno, no prazer no sofrimento, onde existe a dor e a mutilação. O prazer do corte advém desta possibilidade de alívio da tensão psicológica com a substituição de uma tensão biológica que acontece com o retorno do impulso para o próprio corpo. Com esta substituição da dor psicológica pela dor física, o corte ganha uma dimensão de algo prazeroso. O prazer da dor ocasionado pelos cortes, está associado também ao alívio de “separar-se” do outro, ao alívio de “retirar” o outro, de diferenciar-se e ao mesmo tempo de vingar-se simbolicamente deste outro.

Portanto, as auto agressões podem ser entendidas como uma questão econômica das pulsões, onde é possível aceitar que algumas pessoas busquem descargas de tensão a partir da dor e que parece mais lógico que não tomemos a automutilação como um transtorno, mas como uma prática – ou uma descarga da pulsão – que, em maior ou menor grau, pode se manifestar na vida psíquica e pulsional dos sujeitos.

Araujo (2015), em seu artigo O Corpo na Dor, refere que as práticas de autoagressão são classificadas como um sintoma dentro do campo médico, algo que deve ser eliminado para que o sujeito possa retornar a seu estado “normal” e saudável. Ao tratarmos a automutilação como um sintoma no âmbito médico e tratá-las com terapia medicamentosa,

há o risco de silenciar o que essas práticas autoagressivas estão tentando comunicar. Devemos lembrar que o sintoma médico, é diferente do sintoma psicanalítico. Na leitura psicanalítica, o sintoma é um fenômeno subjetivo que não constitui necessariamente sinal de uma doença, mas a expressão de um conflito inconsciente ou uma forma de lidar com ele.

4. CORPO E PELE PARA A PSICANÁLISE

Quem adoece e sofre é, antes de tudo, um sujeito em sua singularidade, e não um corpo. Porém, um sujeito para existir, precisa de um corpo. Um corpo para ser gerado, precisa de dois outros corpos. Estes Outros é que tiram este corpo da posição de objeto e o transformam em sujeito. Então sujeito e corpo para existir e ter sentido precisa do Outro. O Outro o identifica, tanto o corpo quanto o sujeito. O Outro mostra os seus limites até o ponto do sujeito descobrir seus próprios limites. Este corpo que se transformou em sujeito, precisa significar seus espaços e limites. O corpo e o sujeito são interdependentes, são ligados, são um só, o soma e o psíquico. Juntos, precisam de um sentido que orienta e motiva para seguir existindo.

Então... não tem como falar em sentimentos, sensações, tensões, gozo, prazer, desenvolvimento e vida, sem um corpo, um Corpo e uma Pele, pele que limita o dentro e o fora. Pele que limita o funcionamento dos órgãos vitais da interação com o mundo. Dois mundos interagindo ao mesmo tempo, o mundo interior e o mundo exterior.

Na adolescência, um novo corpo e uma nova pele surgem e também muitas dúvidas, muitas incertezas, muitos enigmas a serem decifrados.

Este novo corpo invade, atravessa o corpo anterior e se impõe, toma o lugar do corpo de criança e sem corpo (de criança) esta criança tem que abandonar seu corpo antigo e ir conhecendo e se apropriando das transformações deste corpo, vai deixando sua pele para vestir uma nova pele. Esta nova pele é uma vestimenta que não é escolhida, é dada, a forma, a textura, as manchas, o tamanho... tudo isso é imposto. Além da nova pele, mudou de posição, agora “não é mais criança”, tem também um novo lugar simbólico que precisa ocupar.

Nesta fase, nesta travessia adolescente, estão cada vez mais presente as automutilações, os cortes no corpo físico. Então surgem as perguntas a este enigma dos cortes:

Porque cortar a pele? O adolescente está se “abrindo” para procurar algo? O que ele quer? Descobrir seus limites? Está sufocado e precisa “abrir-se para arejar”? Cortar-se para nascer algo? Para cortar o cordão umbilical? Qual o sentido disso? Qual o significado do corte para cada adolescente em sua singularidade? Eles são direcionados para alguém ou alguma coisa, ou não?

Voltemos um pouco ao início: É através do corpo que primeiramente estabelecemos relação com o mundo. Para o bebê as primeiras relações se dão no nível corporal (alimentação, cuidados de higiene, toque, reconhecimento da voz, do ambiente). O reconhecimento do mundo é através do seu corpo e do corpo do outro e é a partir desta relação que vai se construindo o mundo interno e percebendo o mundo externo. Freud (1923) já afirmava que o ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal, não sendo simplesmente uma entidade de superfície, mas, ele próprio, a projeção de uma superfície. A estruturação do ego tem o corpo como veículo.

Anzieu (1989) retoma Winnicott e Freud e apresenta a noção de Eu pele, trata a pele com o que denominou de “envelope psíquico”. Enuncia que as sensações cutâneas, mesmo antes do nascimento, introduzem as crianças num universo complexo, que tende a despertar suas percepções e a consciência tanto de movimentos internos quanto externos. Essas percepções subentendem o sentimento global de existir, acenando a possibilidade de um espaço psíquico originário.

A constituição do Eu pele no infans responde à necessidade de um envelope narcísico, que garante um bem estar de base. O Eu pele se origina no interior de um círculo maternante e encontra apoio sobre as diversas funções da pele, que destaca três delas: 1) a

pele funciona como uma “bolsa” que contém e retém em seu interior o bom e o pleno lá armazenados com o aleitamento, os cuidados e as palavras. 2) é a interface que marca o limite do dentro e do fora, funcionando também como barreira protetiva do que vem do exterior 3) a pele, tal como a boca, é um meio de comunicação com os outros, de estabelecimento de relações e uma superfície de inscrições das marcas deixadas por estas relações.

A percepção da pele como superfície, segundo Anzieu (1989), nasce das experiências de contato com a superfície do corpo da mãe e dentro de uma relação tranquilizadora com ela.

“O Eu pele é o pergaminho originário que conserva os rascunhos rasurados, riscados, reescritos de uma escrita “originária” pré verbal feita de traços cutâneos”. (Anzieu, 1989, p. 120).

Quando atravessamos uma crise em que surgem conflitos que nos desestruturam, tendemos a utilizar mecanismos mais regressivos, onde podemos usar o corpo como veículo de expressão do sofrimento. A hipótese para problemas psicossomáticos é de que o adoecimento de pele esteja exatamente relacionado à dificuldade de limitações entre o eu e o não eu.

Na adolescência, os limites entre o eu e o não eu precisam ser redefinidos. As dúvidas, as incertezas, os enigmas a serem decifrados estão muito presentes e intensos.

A adolescência por si só, já é considerada uma posição limite, é a travessia da infância para além, para uma vida adulta, porém, autores como Maria Rita Kehl e Diana Corso dizem que muitos “adultos” comportam-se como adolescentes, por não quererem perder a beleza de um corpo jovem e a promessa de um “tudo é possível”, o que gera mais

insegurança aos adolescentes, pois não tem um adulto para se espelhar e a dúvida de que vida pós adolescência é essa que os adultos recusam?

A adolescência por ser o local onde muitos adultos gostariam de estar e muitas crianças querem estar, é uma posição visada, parece ser o lugar central no palco da vida. No palco, o ator busca todas as maneiras para apreender o olhar do outro, e além de ser notado pela plateia, o quanto ele conseguirá manter a atenção desta plateia para continuar tendo este lugar de destaque. O ator está em um lugar diferenciado, com todas as luzes voltadas para si. Neste momento, os espectadores estão no escuro, no anonimato. Podemos pensar que a adolescência é este lugar de destaque, onde o corpo físico está no auge e as luzes todas voltadas para este lugar, na expectativa da performance deste ator/adolescente.

O humano na contemporaneidade existe quando ele é notado pelo outro, na sua enganosa atuação de completude e perfeição ditada por uma sociedade cuja subjetividade da imagem substitui a subjetividade do discurso. O corpo é usado como o primeiro receptor do olhar do outro, se ele não é notado, ganha a amplitude de lugar nenhum. O púbere na tentativa desesperada de voltar ao palco, de resgatar o seu corpo diluído na grande massa social e neste lugar de adolescente que ainda não se apropriou, pode recorrer a formas extremas para se sentir vivo e capturado pelo olhar do outro. Pode recorrer ao corpo, ao corte, às marcas corporais, surgidas da possibilidade de conseguir sua singularidade, de ser visto e ouvido ao mesmo tempo que demarca seu lugar e o lugar do outro através da camada mais superficial do corpo. Na automutilação, o indivíduo vê na visão do outro a possibilidade do julgamento, do preconceito, do hostil, então ele a esconde, ele não quer ser descoberto em sua ação, ao mesmo tempo que o corte é uma busca de ser visto como ele é e não como o outro quer que ele seja.

Dinamarco (2011) menciona que o sujeito ao realizar as marcas no corpo, está procurando o seu lugar no mundo e que pode ser a única possibilidade em curto prazo que

ele possa se perceber como um ser diferenciado do outro. Refere que podem funcionar como um ato de auto proteção ou preservação, porque os cortes dão a possibilidade de criar uma nova identidade, anteriormente aniquilada pelo olhar do outro.

Paola Mielle (in: Dinamarco, 2011) relata que as marcas são a tentativa de inscrição de uma borda física (pele) entre o eu e o outro. Quando o outro vê a marca, ela causa algum afeto entre ele e o sujeito, mesmo que o significante não seja revelado, a imagem do sujeito é presa pelo outro através desta marca. Menciona também que a realização do corte estaria ligada a possibilidade de conseguir uma estabilidade em sua identidade subjetiva, marcando a separação entre o eu e o outro, a marca dos limites territoriais, que ela chama de Landmark. É uma marca, um ponto erotizado do corpo, uma marca sempre visível a este ator.

O adolescente usa a pele como pergaminho na tentativa de fazer sua escritura, na tentativa de tomar o que é seu de direito e conquista, ou seja, seu corpo, seus limites, seus desejos e sua vida. E o nosso trabalho como psicanalistas é ajudar este sujeito a tomar posse também da sua voz.

5. DIALOGANDO: TEORIA E PRÁTICA

Os dados da “prática”, ou seja, do caso foram retirados do texto por questões éticas.

No mito da Medusa, todos os que se aproximavam ficavam chocados com a imagem que viam e fixavam o olhar no “bizarro”, na cabeleira de serpentes. Após capturados pela visão, eram amaldiçoados e viravam pedra, ou seja, ficavam rígidos e imóveis, impossibilitados de fugir ou de agir. O mito da Medusa como “fera”, ou seja, puramente pulsão ou instinto, todos conhecem, todos a julgam e a condenam, mas a sua história anterior, quem ela era antes de também ser amaldiçoada, poucos conhecem...

Na clínica, se nos fixarmos no sintoma e nos paralisar nele, ou seja, no visível a todos, ficaremos impossibilitados de agir. Em cada caso de automutilação, importa-nos não o acontecimento em si, mas o modo como ele incide sobre o psiquismo e quais seus significados.

Nesta travessia adolescente, os conflitos da infância são reeditados, e precisam ter novos signos, o corpo mudou, o seu lugar mudou, o posicionamento na família agora não é de criança, não tem mais o estatuto de falo, precisa achar um novo lugar. A sociedade lhe exige soluções, novamente se vê um ser separado e agora precisa encontrar suas soluções. “As próprias soluções”. Quando criança, era privada de muitas coisas, só quando crescesse teria muitas respostas. Agora, “Cresceu”, mas tem que fazer tudo que o outro quer? E a promessa de que quando se cresce se pode fazer tudo o que se quer? Então... continua privada? Os interdictos da infância continuam na adolescência? A resposta é... não... agora não é a privação, agora é a castração feita pela sociedade, pelo mundo. É ver que não existe um Outro que lhe satisfaça, um Outro que lhe complete. É o desamparo do adolescente.

Nesta travessia para a nova Dança, os passos estão sendo criados, elaborados e significados. Uma Dança que tem que fazer sentido, ter sentido e ser sentido por estes protagonistas adolescentes. Nunca esquecendo que esta Dança não é feita sozinha, é feita com todos os envolvidos, é uma Dança que faz parte de um Espetáculo. Lembrando que o Espetáculo acaba e novas Danças precisam ser criadas, pois no Espetáculo da Vida sempre há estreias e reedições, reelaborações. A busca insistente por algo que ainda está por vir, isto é a confrontação com a falta. A castração que é necessária para seguirmos adiante em busca de uma ilusão...

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi desenvolvido com inspiração em casos de autoagressões feitas por adolescentes com estrutura de base neurótica, onde os cortes tinham um sentido, um direcionamento, ainda que precisavam ser decifrados, eles tinham um endereçamento. A adolescência por si só é um estado limite, onde o corpo é atravessado pelas marcas fisiológicas, como o aparecimento dos pelos pubianos, a mudança da voz no menino, a menarca e as visíveis transformações corporais da menina. As marcas corporais que precisam ser apropriadas, inscritas no simbólico. O corpo está em destaque, torna-se novamente, como no nascimento, erotizado. As pulsões tomam conta desta fase e emergem com toda a intensidade e precisam de um destino. Os limites deste corpo tanto físico quanto simbólico precisam ser criados e descobertos. Muitas vezes a família invade demais estes limites, precisando de demarcações ou deixando estes adolescentes sem limites algum, o que os deixam também numa sensação de desamparo. Eles ainda são imaturos e precisam de um suporte, de um amparo para sentirem-se seguros e ancorados. As famílias muitas vezes, não conseguem vê-los ou ouvi-los, gerando mais angústia nesse momento de desamparo. As pulsões estão intensas e eles podem recorrer a formas mais regressivas para aliviar a tensão, usando o corpo como forma de alívio e pedido de ajuda ou atenção. Os jovens que se automutilam, geralmente escondem seus atos por medo do julgamento e do sentimento de culpa que sentem. Eles não sabem porquê o fazem, mas sentem alívio no momento do ato, porém, logo após acabam sentindo culpa pelo que fizeram. No sentido de pedido de ajuda, de mostrar na pele o que não consegue mostrar através das palavras, os cortes podem ser entendidos como um ato de vida, de autoproteção e preservação, com um ato para aliviar a angústia que não conseguem nominar.

Citando Dinamarco(2011): “Falar de uma marca/ação que faz sangrar no Real do corpo é falar de fenômenos clínicos contemporâneos, com os quais qualquer analista pode vir a se deparar. Se no lugar da linguagem, se apresentam na clínica sujeitos que fazem uso de uma fala/ação, ou de um ato que não recorre ao simbólico, o analista não pode e nem deve paralisar a escuta”(p.127).

Na clínica, precisamos abrir a escuta para estes jovens e tentar com eles decifrar o enigma destes cortes para cada um. O corte tem um sentido próprio, único para cada sujeito em sua história e em seu momento. No caso citado, quando a adolescente conseguiu transformar em desenhos e/ou palavras suas angústias e apreensões, conseguiu achar seu lugar, conseguiu direcionar esta tensão para um potencial criativo voltado para a arte, para a dança, onde captura olhares dos mais variados lugares e deixa as marcas simbólicas no Palco da Vida.

“A imaturidade é uma parte preciosa da adolescência. Nela estão contidos os aspectos mais excitantes do pensamento criador, sentimentos novos e diferentes, idéias de um novo viver. A sociedade precisa ser abalada pelas aspirações daqueles que não são responsáveis”. (Winnicott, 1975. p 232)

A adolescência é a época da expressão da arte, da pintura, da música, da dança, da criatividade. Esta etapa não pode ser abreviada, ela tem que ser vivida, sentida, ter seus signos e elaboração próprios. A adolescência não pode ser calada, banida ou medicada, precisa ser entendida, ouvida e falada.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Anzieu, Didier. (1989) O Eu-pele. Casa do Psicólogo.

Araújo, J.F. (2016). O corpo na Dor: Automutilação, masoquismo e pulsão. O Estilo da Clínica, 497-515

Backes, C. (2004). A reconstituição do espelho. In A. Costa et al. (Orgs.), Adolescência e experiência de borda (pp. 30-41). Porto Alegre: UFRGS.

Breton, D. L. (2007). A sociologia do corpo. Rio de Janeiro. Vozes

Breton, D. L. (2010). Escarificações na adolescência: uma abordagem antropológica. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre. Ano 16. N 33, p. 25-40

Costa, Ana. (2003). Tatuagem e marcas corporais. 2ª Ed. Casa do Psicólogo

Dinamarco, A. V. (2011) Análise Exploratória sobre sintomas de automutilação. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo

Dolto, F & Nasio, J.-D. (2008). A criança do espelho . Rio de Janeiro: Jorge Zahar

Freud, S. (1976). O problema econômico do masoquismo. Obras Psicológicas Completas de Freud. 199-214 Rio de Janeiro. Imago

Jorge, J. C; Saraiva, J. (2015) Descodificação dos comportamentos autolesivos sem intenção suicida – Estudo das funções e significados na adolescência. Revista Análise Psicológica. Vol. 33(2). Lisboa. Disponível em Scielo Portugal

Lacadee, P. (2011) O despertar e o exílio. Rio de Janeiro. Contra Capa Livraria

- Lacan, J. (1962-63). O Seminário: A angústia. Publicação Interna do Centro de Estudos Freudianos do Recife.
- Lacan, J. (1998). O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In J. Lacan, Escritos (V. Ribeiro, Trad., pp. 96-103). Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- Melmann, C. (1997). Os adolescentes estão sempre confrontados ao Minotauro. In Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Adolescência: entre o passado e o futuro. (PP 29-43). Porto Alegre: Artes Médicas
- Melmann, C. (1999). O que é um adolescente. Congresso Internacional de Psicanálise e suas Conexões (PP. 21-29). Escola Lacaniana.
- Pinho, Gerson S. (2002) Acting out e Passagem ao ato. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Revista 22. 76-81
- Rassial, J.J. (1995). Hipóteses sobre a adolescência. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. 25-30
- Rassial, Jean-Jacques (1999). O adolescente e o psicanalista. Rio de Janeiro. Companhia de Freud.
- Ruffino, R. (s.d.) A que vem a adolescência. Revista de Psicanálise Textura, 1-12
- Weinmann, A. O. (2012). Juventude transgressiva: sobre o advento da adolescência. Psicologia & Sociedade, 24 (2), 382-390
- Winnicott, D. W. (1975) O Brincar e a Realidade. Rio de Janeiro. Imago. (232)
- Winnicott, D. W. (1989) A imaturidade do adolescente. In: Tudo começa em casa. São Paulo. Martins Fontes
- Venosa, V. (2015). O ato de cortar-se: uma investigação psicanalítica a partir do caso Amanda e do caso Catarina. Dissertação de Mestrado. Psicologia Social. Universidade Federal de São Paulo.